

## O Poeta

**Vinícius de Moraes**

Enviado por:

Publicado em : 22/08/2011 14:18:04

I  
Quantos somos, não sei...  
Somos um, talvez dois, três, talvez, quatro;  
cinco, talvez nada  
Talvez a multiplicação de cinco em cinco mil  
e cujos restos encheriam doze terras  
Quantos, não sei... Só sei que somos muitos -  
o desespero da dízima infinita  
E que somos belos deuses mas somos trágicos.

Vimos de longe... Quem sabe no sono de Deus  
tenhamos aparecido como espectros  
Da boca ardente dos vulcões  
ou da órbita cega dos lagos desaparecidos  
Quem sabe tenhamos germinado misteriosamente  
do sono cauterizado das batalhas  
Ou do ventre das baleias quem sabe tenhamos surgido?

Vimos de longe - trazemos em nós o orgulho do anjo rebelado  
Do que criou e fez nascer o fogo da ilimitada  
e altíssima misericórdia  
Trazemos em nós o orgulho de sermos úlceras  
no eterno corpo de Jó  
E não púrpura e ouro no corpo efêmero de Faraó.

Nascemos da fonte e viemos puros porque herdeiros do sangue  
E também disformes porque - ai dos escravos!  
não há beleza nas origens  
Voávamos - Deus dera a asa do bem  
e a asa do mal às nossas formas impalpáveis  
Recolhendo a alma das coisas para o castigo  
e para a perfeição na vida eterna.

Nascemos da fonte e dentro das eras vagamos  
como sementes invisíveis  
o coração dos mundos e dos homens  
Deixando atrás de nós o espaço como a memória latente  
da nossa vida anterior  
Porque o espaço é o tempo morto -  
e o espaço é a memória do poeta

Como o tempo vivo é a memória do homem sobre a terra.

Foi muito antes dos pássaros -  
apenas rolavam na esfera os cantos de Deus  
E apenas a sua sombra imensa cruzava o ar como um farol alucinado...  
Existíamos já...  
No caos de Deus girávamos como o pó prisioneiro da vertigem  
Mas de onde viéramos nós e por que privilégio recebido?

E enquanto o eterno tirava da música vazia a harmonia criadora  
E da harmonia criadora a ordem dos seres e da ordem dos seres o amor  
E do amor a morte e da morte o tempo e do tempo o sofrimento  
E do sofrimento a contemplação e da contemplação a serenidade ímperecível

Nós percorríamos como estranhas larvas a forma patética dos astros  
Assistimos ao mistério da revelação dos Trópicos e dos Signos  
Como, não sei... Éramos a primeira manifestação da divindade  
Éramos o primeiro ovo se fecundando à cálida centelha.

Vivemos o inconsciente das idades  
nos braços palpitantes dos ciclones  
E as germinações da carne  
no dorso descarnado dos luas  
Assistimos ao mistério da revelação dos Trópicos e dos Signos  
E a espantosa encantação dos eclipses e das esfinges.

Descemos longamente o espelho contemplativo  
das águas dos rios do Éden  
E vimos, entre os animais,  
o homem possuir doidamente a fêmea sobre a relva  
Seguimos... E quando o decurião feriu o peito de Deus crucificado  
Como borboletas de sangue brotamos da carne aberta  
e para o amor celestial voamos.

Quantos somos, não sei...  
somos um, talvez dois, três, talvez quatro;  
cinco, talvez, nada  
Talvez a multiplicação de cinco mil  
e cujos restos encheriam doze terras  
Quantos, não sei...  
Somos a constelação perdida que caminha largando estrelas  
Somos a estrela perdida que caminha desfeita em luz.

II

E uma vez, quando ajoelhados assistíamos à dança nua das auroras  
Surgiu do céu parado como uma visão de alta serenidade  
Uma branca mulher de cujo sexo a luz jorrava em ondas  
E de cujos seios corria um doce leite ignorado.

Oh, como ela era bela! era impura - mas como ela era bela!  
Era como um canto ou como uma flor brotando ou como um cisne  
Tinha um sorriso de praia em madrugada e um olhar evanescente  
E uma cabeleira de luz como uma cachoeira em plenilúnio.

Vinha dela uma fala de amor irresistível  
Um chamado como uma canção noturna na distância  
Um calor de corpo dormindo e um abandono de onda descendo  
Uma sedução de vela fugindo ou de garça voando.

E a ela fomos e a ela nos misturamos e a tivemos...  
Em véus de neblina fugiam as auroras nos braços do vento  
Mas que nos importava  
se também ela nos carregava nos seus braços  
E se o seu leite sobre nós escorria e pelo céu?

Ela nos acolheu, estranhos parasitas, pelo seu corpo desnudado  
E nós a amamos e defendemos e nós no ventre a fecundamos  
Dormíamos sobre os seus seios apoiados ao clarão das tormentas  
E desejávamos ser astros para inda melhor compreendê-la.

Uma noite o horrível sonho  
desceu sobre as nossas almas sossegadas  
A amada ia ficando gelada e silenciosa -  
luzes morriam nos seus olhos...  
Do seu peito corria o leite frio  
e ao nosso amor desacordada  
Subiu mais alto e mais além,  
morta dentro do espaço.

Muito tempo choramos  
e as nossas lágrimas inundaram a terra  
Mas morre toda a dor ante a visão dolorosa da beleza  
Ao vulto da manhã sonhamos a paz e a desejamos  
Sonhamos a grande viagem através da serenidade das crateras.

Mas quando as nossas asas vibraram no ar dormente  
Sentimos a prisão nebulosa de leite envolvendo as nossas espécies  
A Via Láctea - o rio da paixão correndo sobre a pureza das estrelas  
A linfa dos peitos da amada que um dia morreu.

Maldito o que bebeu o leite dos seios da virgem  
que não era mãe mas era amante  
Maldito o que se banhou na luz  
que não era pura mas ardente  
Maldito o que se demorou na contemplação do sexo  
que não era calmo mas amargo  
O que beijou os lábios  
que eram como a ferida dando sangue!

E nós ali ficamos, batendo as asas libertas,  
escravos do misterioso plasma  
Metade anjo, metade demônio,  
cheios de euforia do vento e da doçura do cárcere remoto  
Debruçados sobre a terra,  
mostrando a maravilhosa essência da nossa vida  
Lírios, já agora turvos lírios das campas,  
nascidos da face lívida da morte.

### III

Mas vai que havia por esse tempo nas tribos da terra  
Estranhas mulheres de olhos parados e longas vestes nazarena  
Que tinham o plácido amor nos gestos tristes e sereno  
E o divino desejo nos frios lábios anelantes.

E quando as noites estelares freíam nos campos sem lua  
E a Via Láctea como uma visão de lágrimas surgia  
Elas beijavam de leve a face do homem dormindo no feno  
E saíam dos casebres ocultos, pelas estradas murmurantes.

E no momento em que a planície escura  
beijava os dois longínquos horizontes  
E o céu se derramava iluminadamente sobre a várzea  
Iam as mulheres e se deitavam no chão paralisadas  
As brancas túnicas abertas e o branco ventre desnudado.

E pela noite adentro elas ficavam, descobertas  
O amante olhar boiando sobre a grande plantação de estrelas  
No desejo sem fim dos pequenos seres de luz alcandorados  
Que palpitavam na distância numa promessa de beleza.

E tão eternamente os desejavam e tão na alma os possuíam  
Que às vezes desgravitados uns despenhavam-se no espaço  
E vertiginosamente caíam numa chuva de fogo e de fulgores  
Pelo misterioso tropismo subitamente carregados.

Nesse instante, ao delíquio de amor das destinadas  
Num milagre de unção, delas se projetava à altura  
Como um cogumelo gigantesco um grande útero fremente  
Que ao céu colhia a estrela e ao ventre retornava.

E assim pelo ciclo negro da pálida esfera através do tempo  
Ao clarão imortal dos pássaros de fogo cruzando o céu noturno  
As mulheres, aos gritos agudos da carne rompida de dentro  
Iam se fecundando ao amor puríssimo do espaço.

E às cores da manhã elas voltavam vagarosas  
Pelas estradas frescas, através dos vastos bosques de pinheiros

E ao chegar, no feno onde o homem sereno inda dormia  
Em preces rituais e cantos místicos velavam.

Um dia mordiam-lhes o ventre, nas entranhas -  
entre raios de sol vinha tormenta...  
Sofriam... e ao estridor dos elementos confundidos  
Deitavam à terra o fruto maldito de cuja face transtornada  
As primeiras e mais tristes lágrimas desciam.

Tinha nascido o poeta. Sua face é bela, seu coração é trágico  
Seu destino é atroz; ao triste materno beijo mudo e ausente  
Ele parte! Busca ainda as viagens eternas da origem  
Sonha ainda a música um dia ouvida em sua essência.